



#cm
2
FIM DE SEMANA

FILME ESTREANTE **QUE NASCE INESQUECIVEL**

Consagrado em sua passagem pela Berlinale 2026, **'Nosso Segredo'** faz sua estreia na América Latina ao ser exibido no BAFICI, o **Festival de Buenos Aires**. Sua realizadora, **a atriz, dramaturga e diretora teatral Grace Passô**, fala ao Correio sobre sua **primeira incursão como cineasta**. Pág. 2

ENTREVISTA | GRACE PASSÔ

ATRIZ, DRAMATURGA, DIRETORA TEATRAL E CINEASTA

'O cinema expandiu minha noção de linguagem'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Primeiro veio a Berlinale, em fevereiro, na mostra competitiva Perspectives, e com ela se depositaram aplausos, elogios, consagração em variadas línguas e a certeza de que "Nosso Segredo" é aquele tipo de "filme de estreante" que nasce inesquecível. Agora é a vez do BAFICI – Festival Internacional de Buenos Aires. Ou seja, o jogo agora é em casa... a América do Sul, a terra das muitas feridas abertas pelo colonialismo que a atriz Grace Passô busca expor em seu primeiro longa-metragem como realizadora. Ela está no evento argentino na competição oficial principal, onde o Brasil emplacou ainda um curta, "Banho Maria", de Gabriel Faccini. Sábado será o dia de premiação. Grace tem forte chance de ser laureada. Sua direção esbanja destreza.

Uma das atrizes de maior prestígio do teatro e do cinema brasileiro no século 21, famosa pela trajetória nacional da peça "Vaga Carne", Grace se consolida num novo front de criação, agora também como cineasta. Não há boca em solo portenho que não elogie o drama de trilha sonora estonteante (composta por Amaro Freitas) esculpido entre luto, lágrimas e lama (ligada a um surpreendente signo animal) a partir de reescrita de "Amores Surdos", texto teatral de autoria da própria Grace. A fotografia dionisíaca de Wilssa Esser assegura a "Nosso Segredo" um aspecto crepuscular. Seu enredo mistura finitude, recomeço e perenidade. Nele, uma família que tem vivências variadas do racismo e de outros mecanismos de exclusão luta para reconstruir sua rotina após a perda recente da figura paterna. Enquanto cada um dribla a dor à sua maneira, o filho caçula guarda um mistério que transcende as bordas do que é crível.

Mundialmente elogiada por sua atuação em "Temporada" (2018) e "O Dia Que Te Conheci" (2023), Grace compartilha com o Correio da Manhã seus achados em "Nosso Segredo".

O que você traz do teatro para a sua direção no cinema? Quanto de teatro está presente quando você dirige?

Grace Passô - Tenho uma espécie de pacto comigo mesma: fui passando por várias funções — comecei como atriz, depois fui estudar, dirigir, escrever — sempre guiada por uma intuição, por imagens e formas que surgem na minha cabeça. Como este foi o meu primeiro longa, esses limites ainda não são muito nítidos pra mim. É tudo muito misturado. Mas percebo que há um trânsito, no filme, entre um pseudo-realismo e um modo de incorporar o surreal. Isso, sem dúvida, vem da minha vivência no

teatro. Para mim, o teatro não é uma arte realista. Ele opera com outros códigos, com outro tipo de verossimilhança. A própria situação teatral já é de outra ordem. Então, quando levo isso pro cinema, existe esse trânsito entre o realismo e o que não é realismo — que pode ser o surreal. Eu acho que isso tem a ver com a ideia de teatralidade, que é diferente de teatro. A teatralidade é uma dimensão que sublima o cotidiano. E esse exercício de sublimar o realismo vem muito da minha relação com o teatro.

O seu filme lida com o luto, mas parece mais um abraço do que um choro. De onde vem esse tom mais pros-



Nana Moraes/Divulgação

“Família é um pacto: de memória, de tempo, de convivência. É também um segredo”

pectivo, quase otimista?

Isso vem de muitos lugares, mas principalmente da minha visão sobre as comunidades negras. As grandes tragédias que atravessaram essas comunidades foram enfrentadas muito por meio do afeto, do amor — sem romantizar — e também por organização e espiritualidade. Existe uma força coletiva muito grande aí. As famílias negras sobreviveram à miséria e à violência se unindo nos momentos difíceis. Isso me marcou muito desde a infância. Essa ideia de esperança vem desse lugar: de como conseguimos sobreviver juntos a uma história tão dura. Tem uma imagem que eu adoro: na casa da minha infância, onde "Nosso Segredo" foi filmado, havia um portão muito emperrado. Ninguém consertava, mas, ao mesmo tempo, era preciso juntar todo mundo da família pra conseguir abrir. Isso virou uma metáfora muito forte pra

mim. Essa união diante do problema, essa necessidade de estar junto, é algo que está muito presente no filme.

O filme reúne várias gerações. O que significa "família" para você dentro dessa narrativa?

Família, para mim, é comunidade. Família é um pacto: de memória, de tempo, de convivência. É também um segredo. A família é o nosso maior segredo. A ideia de família na Europa é muito distinta da nossa. E também existe um desafio em relação às questões raciais. Quando falo de preto e branco, não estou falando apenas de cor da pele, mas de estruturas, de História, de luta de classes, de periferia.

O que o cinema passou a representar na sua trajetória artística desde "Praça Pa-

ris", que lhe rendeu o troféu Redentor no Festival do Rio, em 2017, e te apresentou ao audiovisual em larga escala?

O cinema expandiu minha noção de linguagem. Não só de falar sobre as coisas, mas de buscar a beleza. E não estou falando do belo clássico, mas da beleza como construção coletiva, como algo que ainda pode ser inventado. Fazer arte, pra mim, tem a ver com isso: criar novas formas de beleza, imaginar o que ainda não existe. O cinema me colocou em movimento e também trouxe novos problemas. Coisas que venho pensando há anos explodiram em novas possibilidades. Hoje, pra mim, o teatro já é outra coisa. Esse deslocamento foi importante, porque faço teatro desde muito jovem, desde os 13 anos. Teatro é quase uma espiritualidade pra mim. O cinema ampliou minhas possibilidades, mas também aumentou o desafio.

Você tem novos projetos pela frente?

Vai estrear agora a nova temporada de "Sessão de Terapia", no Globoplay, onde faço a supervisora do terapeuta vivido pelo Selton. E também estou aguardando o lançamento de um filme dirigido pelo Ricardo Alves Júnior, que deve estrear em breve.

Queridinhos de um **BAFICI** inspirado

Dramédia à romena, comédia brasileira, terror do Cazaquistão, uma animação húngara com bonequinhos: diversidade é o que não faltou aos títulos mais badalados do festival argentino



Sorella di Clausura

BAFICI
BUENOS AIRES FESTIVAL INTERNACIONAL DE
CINE INDEPENDIENTE

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Caberá a uma produção irlandesa com o Homem-Formiga da Marvel, (o genial) Paul Rudd, de “Anacôndá”, encerrar o BAFICI 2026: “Power Ballad”, de John Carney. Em seu roteiro, o músico Rick (Rudd), ex-cantor de casamentos, conhece o falecido astro de boy band Danny (Nick Jonas) durante um show e os dois se unem profissionalmente, ensejando uma trajetória sucessos. Até essa trama bater na tela, os 327 títulos que integram o festival terão – todos – sido exibidos por uma vez que seja, na capital argentina. Confira a seguir os filmes que alcançaram melhor boca a boca na maratona cinéfila de Buenos Aires.

SORELLA DI CLAUSURA, de Ivana Mladenovic (Romênia): O mais divertido dos concorrentes ao Leopardo de Ouro de Locarno, em 2025, esta dramédia sobre a arte estagnações passou feito um trator pela América do Sul via BAFICI. O desempenho de Katia Pascariu (de “Má Sorte No Sexo Ou Pornô Acidental”) é impagável. Katia interpreta Stela, azarada profissional, que é incapaz de manter um emprego estável. Ela se apaixona por um famoso músico balcânico depois de vê-lo na televisão. Essa paixão, transformada em obsessão, começa



Fire In My Pocket



Sicko

a dominar sua vida e agora ela está decidida a conhecê-lo. Vera, suposta amante do músico, promete a Stela ajudá-la a encontrar seu ídolo e, mais ainda, tirá-la de sua vida rural marcada pela pobreza. Seus dois mundos colidem quando Vera leva Stela para Bucareste, onde dirige uma empresa que vende produtos eróticos. Vê-se a bagunça em que isso vai dar.

NADIE LADRA (“Ningú borda”), de Júlia Coldwell Serra (Espanha): Um suspense arrebatador que se desenha a partir da atuação de Laia Cabrera Vicens. Sua perso-

nagem, Candela, atropela acidentalmente o cachorro do sobrinho e decide não contar nada. Ela inventa uma história sobre uma peregrinação canina e o convida para ir buscá-lo. Enquanto seguem o rastro do bicho, a mentira começa a consumi-la aos poucos.

O REI DA INTERNET, de Fabrício Bittar (Brasil): Eis um potencial blockbuster nacional, que buscou se notabilizar no exterior. João Guilherme revive a saga de um adolescente se destacou como um dos maiores hackers do Brasil e integrou uma organização crimi-

nosa movida a milhões de reais até ser alvo de uma operação da Polícia Federal — tudo isso antes de completar 17 anos.

UM FILME DE MEDO (“Uma Película de Miedo”), de Sergio Oksman (Espanha/ Portugal): O vencedor da competição estrangeira do É Tudo Verdade 2026 brilha com a cinefilia para abrir uma reflexão sobre memória. Durante as férias de verão, um documentarista e seu filho de doze anos se hospedam em um hotel abandonado em Lisboa – um hotel vazio como o do filme “O Iluminado”, com Jack Ni-

cholson. O menino é assombrado por histórias de monstros e fantasmas, mas, durante a estadia, outros fantasmas surgem: o do primeiro assassino em série português e o de homens que, de repente, enlouquecem e abandonam suas famílias.

SICKO (“Auru”), de Aitore Zholdaskali (Cazaquistão): Neste thriller de roer unhas, a dupla Azamat (Ayan Utepbergen) e Tanshoplan (Dilnaz Kurmangali), acossados por dívidas, inventam uma doença terminal para lançar uma campanha de arrecadação de fundos nas redes sociais. O que começa como um plano desesperado logo se converte numa mentira difícil de controlar, gerando uma espiral de morte.

FIRE IN MY POCKET (“Lán-gbogár a Zsebemben”), de Janka Feiner (Hungria): Delicadíssima incursão do cinema húngaro no universo infantojuvenil, esta narrativa sobre amadurecimento manipula bonecos para gerar encanto. Um menino, cansado de ajudar a montar uma cama, procura algo mais emocionante. Uma criatura de fogo o atrai para um mundo mágico de cogumelos, onde tudo é possível, sobretudo pelo fato de a aventura começar longe do alcance de seu pai.

I AM CURIOUS JOHNNY, de Julien Temple (Reino Unido): O maior documentarista de música do planeta tem presença cativa no BAFICI. Volta agora com um retrato de Johnny Pigozzi, herdeiro, fotógrafo e colecionador excêntrico, que se constrói por meio de imagens de arquivo e relatos acerca de seu universo de luxo, com amigos famosos (Mick Jagger, por exemplo).

Divulgação

Divulgação

Divulgação

Apesar das políticas avessas a cinema do atual presidente argentino, a produção de 'nuestros hermanos' inunda o Festival de Buenos Aires de coragem e de ousadas narrativas



'En El Campo Los Días Son Más Largos' narra ritos de aproximação de uma família com a natureza

BAFICI
BUENOS AIRES FESTIVAL INTERNACIONAL DE
CINE INDEPENDIENTE

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

I naugurado pela prata da casa – no caso, a produção portenha “Orgullo y Prejuicio”, de Matías Szulanski –, no dia 16, o 27º BAFICI – Festival Internacional de Buenos Aires conseguiu 147 produções gestadas na Argentina apesar das dificuldades enfrentadas pelo cinema de seu país com a política de Javier Milei, escalando seis desses títulos para a sua competição principal. “El Tren Fluvial”, de Lorenzo Ferro e Lucas A. Vignale, e “Hangar Rojo”, uma parceria com o Chile, já haviam dado o ar de sua excelência antes, no exterior, concorrendo na mostra Perspectivas da 76ª Berlinale, em fevereiro. Juntam-se a eles: “Las Visitas de Camilo”, de Itatí Olmedo; “Queda En Mí”, de Rafael Nir; (o sublime) “Monstruo Madre”, de María Canale; e “Los Vencedores”, de Pablo Aparo. Tem ainda uma competição paralela só para curtas e longas argentinos, com 30 produções inéditas em circuito.

Inclua nessa lista “CIN3 FILI4”, do veterano artista gráfico e diretor Raúl Perrone, um bamba da caricatura no jornalismo cultural sul-americano. Nascido há 74 anos no município de Ituzaingó, onde sempre morou e filmou sem precisar sair de lá, nem mesmo para recriar uma selva ou um mundo apocalíptico pós-industrial, ele rodou cerca de 60 filmes (ao custo de duas mariolas cada um), da década de 1980 para cá, como

TE MANANCA, MILEI!

FILMES DA COMPETIÇÃO ARGENTINA DO BAFICI 2026

- *“Casi 30” — Dir. Mila Aquilia, Bianca Oliveti
- *“Chicos normales” — Dir. Juanma Ozan, Valentín Wein
- *“CIN3 FILI4” — Dir. Raúl Perrone
- *“CineFaketografo Lumiere” — Dir. Tetsuo Lumiere
- *“Cuarto de flores” — Dir. Sofía Guerrini
- *“Dra. Miranda” — Dir. Denise Anzarut
- *“El estirón” — Dir. Guido Montini
- *“Emi” — Dir. Ezequiel Erriquez Mena
- *“En el campo los días son más largos” — Dir. Elina Firpo
- *“Esquirlas” — Dir. Santiago Losada
- *“Gente de la ruta” — Dir. Lucas Koziarski

- *“Hipótesis sobre mis dos huevos” — Dir. Theo Fernandez
- *“in the sentimental lugo” — Dir. Lucía Seles
- *“La amiga de mi amigo” — Dir. Matías Szulanski
- *“La hora de irse” — Dir. Renzo Cozza
- *“La muerte es algo que les sucede a los demás” — Dir. Ana García Blaya
- *“La situación local” — Dir. Martín Mainoli
- *“Lauchita” — Dir. Emi Castañeda
- *“Los días posibles - Trilogía sobre la ternura” — Dir. Rodrigo Guerrero
- *“Los nadadores” — Dir. Sol Iglesias SK

- *“Machado” — Dir. Julián Tagle
- *“Mortemburgo” — Dir. Oliverio Sisso
- *“No matar” — Dir. Juan Villegas
- *“Noche y día” — Dir. Tomás Agustín Guardiola
- *“Plata o mierda” — Dir. Toia Bonino, Marcos Joubert
- *“Steve Buscemi” — Dir. Lucila Lopatin, Martina Vogelfang
- *“Stunner Blue Girl” — Dir. Nicolás Dolensky
- *“Te amo, Antoño” — Dir. Tamara Leschner
- *“Un brazo” — Dir. Mateo Milione
- *“Yegua” — Dir. Virginia Scaro

“Nos Veremos Mañana” (1993), “Expiación” (2018) e “Sean Eternxs” (2022). Seu novo longa, divertidíssimo, acompanha o quiproquó de afetos entre cinéfilos que discutem a relevância de Jean-Luc Godard (1930-2022) e de John Cassavetes (1929-1989) para o audiovisual enquanto ensaiam, eles mesmo, uma filmagem que mais parece a corte de um início de namoro.

“Não sou reverente a Godard, por não crer que ele tenha sido essa divindade de que muito se

fala, mas Cassavetes me ilumina muito”, disse Perrone ao Correio na sessão de estreia de “CIN3 FILI4”, defendendo a tese de que “ser autor, num filme, é cuidar de cada pedaço de sua confecção, da rodagem ao cartaz que vai para as salas”.

Uma das sensações da nova vaga de expressões cinematográficas argentinas deste BAFICI foi batizada em homenagem a um dos atores favoritos dos irmãos Coen: “Steve Buscemi”, filme de Lucila Lopatin e Martina Vogel-

fang. Sua protagonista é Dafne, de 22 anos. Quando seus pais decidem alugar o apartamento onde ela mora, a jovem inventa que adotou um cachorro ferido para não ter que se mudar. Essa mentira, sem que ela perceba, a leva a dar seu primeiro passo rumo à vida adulta.

Entre os gestos artísticos mais poéticos deste BAFICI, “Monstruo Madre” pode consagrar María Canale como uma diretora de futuro promissor. Em seu enredo, uma mulher que acabou de dar à

luz dorme ao lado do bebê e do marido quando tem um sonho erótico e perturbador. Ao acordar, ela descobre em seu corpo sinais daquilo de monstruoso que acreditava ter sonhado.

Outra diretora que sairá do BAFICI com o prestígio renovado é Elina Firpo, que esbanja vigor no comando de “En El Campo Los Días Son Más Largos”. Fala de uma família que se muda para uma casa no campo. Entre cochilos, vento e cavalos, as estações do ano passam lentamente



Jamile Queiróz/Divulgação

Gugu sonha em se tornar um grande jogador de futebol. Criado livremente pela avó, ele fará de tudo para evitar precisar morar com o pai

Um pipa feita para voar alto

AFFONSO NUNES

O cinema nordestino segue conquistando reconhecimento no circuito internacional de festivais. A bola da vez é o drama cearense “Feito Pipa”. Após conquistar prêmios na Berlinale 2026, o longa dirigido por Allan Deberton abriu o Festival Internacional de Cinema de Cartagena das Índias (FICCI), na

Em sua estreia no cinema, o jovem Yuri Gomes conquista prêmio por sua atuação no longa de Allan Deberton no Festival de Cartagena das Índias

Colômbia, e saiu de lá com mais um troféu: Yuri Gomes levou o prêmio de Melhor Interpretação na mostra competitiva Cine de los Barrios. É a primeira premiação do jovem ator em sua estreia no cinema.

A trajetória do filme começou

forte em Berlim, onde conquistou o Urso de Cristal de Melhor Filme (Júri Jovem) e o Grande Prêmio do Júri Internacional da mostra Generation Kplus. A exibição em Cartagena marcou a estreia latino-americana da produção, que inte-

grou também a iniciativa Cine en los Barrios.

Roteirizada por André Araújo, a trama de “Feito Pipa” acompanha Gugu, menino que sonha em se tornar jogador de futebol e vive com a avó Dilma (Teca Pereira),

uma professora aposentada, que o cria de forma livre e afetuosa. Neto e avó vivem nas proximidades de uma barragem que, após a água baixar devido anos de seca, aparecem ruínas de uma cidade antiga. Com isso, as memórias de um passado traumático começam a despertar em Dilma os primeiros sinais de Alzheimer. Quando a saúde de Dilma se fragiliza, ele tenta esconder a situação para evitar ser separado dela e forçado a morar com o Batista (seu pai, vivido por Lázaro Ramos) com quem mantém uma relação difícil. Ambientado no interior do Ceará, o longa tece uma narrativa sobre amadurecimento, pertencimento e afeto.

“Este filme nos cativou com sua narrativa vibrante e com o protagonista jovem, multifacetado, confiante e feroz, e com as formas frequentemente bem-humoradas e comoventes com que aborda suas questões existenciais (...) é um momento maravilhoso para o cinema brasileiro. Ver nossas histórias alcançando o mundo e sendo celebradas internacionalmente mostra a potência criativa do nosso país. O cinema que estamos fazendo hoje toca profundamente as pessoas. Ele emociona, conecta e cria identificação, independentemente da língua ou da cultura. É lindo presenciar isso de perto”, disse o cineasta, durante a premiação na Berlinale.

O próximo compromisso de “Feito Pipa” é o Festival de Cinema de Guadalajara, no México, onde o filme participa da competição e concorre ao Prêmio Maguey. A sequência de festivais coloca o longa entre os principais destaques do cinema brasileiro em circulação internacional neste momento.

CRÍTICA FILME | NUREMBERG

POR MARCELO PERILLIER

Uma aula de micro-história

Ele pode estar saindo de cartaz, mas vale a pena assistir. “Nuremberg”, com Russell Crowe e Rami Malek, é mais do que uma aula de história remete ao livro “O Queijo e os Vermes, de Carlo Ginzburg, muito familiar aos estudantes de História. Seu enredo é baseado no Tribunal de Nuremberg, que condenou os prisioneiros vivos da cúpula do Partido Nacional-Socialista Alemão, o Nazismo. O grande nome a ser julgado era Hermann Göring (Russell Crowe), o marechal do Reich e o segundo homem da Alemanha de Hitler.



Diamond Films/Divulgação

Russell Crowe (Hermann Göring) é protagonista, mas Rami Malek (o psiquiatra Douglas Kelley) tem enorme destaque

Ele se rende amigavelmente, pensando em ter um tratamento melhor pelo exército dos Estados Unidos, mas ele é igual ao dos outros capturados. Na prisão, o psiquiatra Douglas Kelley (Rami Malek) tem a missão de estudá-los e não fazer com que cometam o suicídio, para serem enforcados e servirem de exemplo para o mundo.

O médico, assim, torna-se o ponto-chave da trama e também o personagem que remete à analogia com o clássico de Ginzburg. Se no livro do historiador italiano a narrativa se passa pelo olhar de um camponês, aqui ela se desenvolve a partir dos acontecimentos observados por Kelley. É aí que entra uma das grandes transformações da História, promovida por obras como “A Escola dos Annales”, de Marc Bloch e Lucien Febvre, na qual outras categorias, além da po-

lítica e da economia, passaram a descrever os fatos.

A chamada micro-história ou “história vista de baixo” nada mais é do que utilizar um personagem de menor importância para contar um grande acontecimento. Ginzburg relatou a Idade Média por meio da vida de um camponês. Já no filme, as anotações de Kelley nas conversas com os nazistas viram o clímax da trama. Seu diário se transforma em fonte preciosa para tentar fazer com que os prisioneiros nazistas venham a ser incriminados por seus crimes contra a humanidade.

Mais do que o relato de um fato marcante da recente história mundial, “Nuremberg” é, nas entrelinhas, uma bela aula de Teoria da História para ser assimilada não apenas por estudantes, professores e pesquisadores, mas também pelo grande público.

Sesc

apresenta

TAÍS ARAUJO
em

**MUDANDO
DE PELE**

UM SOLO COLETIVO

de **AMANDA WILKIN**

tradução

DIEGO TEZA

participações

**DANI NEGA
e LAYLA**

direção

YARA DE NOVAES

**TEATRO
SESC GINÁSTICO**

**23/ABRIL a 24/MAIO
QUIN e SEX 19h
SAB e DOM 17h**

VENDA DE INGRESSOS
PELO INGRESSO.COM

realização

Sesc



SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

ANTONIO VILLEROY

✦ Em “Cenas Extraordinárias” o cantor e compositor apresenta seus grandes sucessos e inéditas que remetem à sua vida pessoal. Dom (26), às 19h. Bule Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

LORENA MOURA E MARINA DEMÉSIO

✦ As duas artistas apresentam suas canções autorais em dois shows na sequência. Na pista, os DJs Guaraná Jesus e Disfarce. Sex (24), a partir das 22h. Acervo (Av. Rodrigues Alves, 10). A partir de R\$ 30 (antecipado)

EBONY

✦ Cria de Queimados, a rapper apresenta as canções de “KM2”. Lançado em maio, o disco traz a toda a potência de uma jovem periférica que transformando dor em criação. Sex (24), às 22h. Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº). Ingressos esgotados

ORIGINAIS DA BOSSA

✦ Passeio pela história da bossa nova e do sambalço com grupo liderado pela cantora Amanda Bravo. Sex (24), às 21h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 35 - Copacabana). R\$ 70

MÚSICA NO MUSEU

✦ O pianista Felipe Naim executa repertório com clássicos internacionais. Sáb (25), às 18h. Palácio São Clemente - Consulado de Portugal (Rua São Clemente, 424, Botafogo). Grátis

ÓPERA

CARLOS GOMES, O SELVAGEM DA ÓPERA

✦ Espetáculo da Companhia da Ópera reúne canto lírico, música e balé em homenagem aos 190 anos do compositor. Direção de Fernando Portari. Sex (24), às 19h. Sala Cecília Meireles (Rua da Lapa, 47). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

TEATRO

O DEUS DA CARNIFICINA

✦ Sucesso da autora francesa Yasmina Reza ganha montagem com direção de Rodrigo Portella e elenco com Ângelo Paes Leme, Karine Teles, Thelmo Fernandes e Anna Sophia Folch. Até 7/6, qui a sáb (20h) e dom (17h). Teatro TotalEnergies (Rua do Russel, 804 - Glória). R\$ 150 e R\$ 75 (meia)



O Julgamento de Zé Bebelo



Antonio Villeroy



Pulmões

A SAGA DE JORGE

✦ Celebração ao Dia de São Jorge com espetáculo da Grande Companhia Brasileira de Mistérios e Novidades. Sáb (25), às 11h. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (Rua do Catete, 179). Grátis e Feijoada da Tia Cida a R\$ 40

PAI

✦ Guilherme Logullo apresenta solo sobre traumas paternos baseado em suas memórias. Até 29/4, qua (20h). Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

O JULGAMENTO DE ZÉ BEBELO

✦ Última parte da trilogia baseada em ‘Grande Sertão: Veredas’, a obra-prima de Guimarães Rosa, com atuação de Gilson de Barros. 24/4, às 19h. Teatro Glaucio Rocha (Av. Rio Branco, 179). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

A.M.I.G.A.S

✦ A amizade de três jovens, sua cumplicidade e parceria cria a Associação das Mulheres Interessadas em Gargalhadas, Amor e Sexo (A.M.I.G.A.S.). Até 28/4, seg e ter (20h). Teatro Vanucci (Rua Marques São Vicente, 52, 3º piso). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

EU SOU MINHA PRÓPRIA MULHER

✦ Edwin Luisi dá vida a Charlotte von Mahlsdorf, mulher trans alemã que sobreviveu aos horrores do nazismo. Até 26/4, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 104). R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

O HOMEM DECOMPOSTO

✦ Texto do dramaturgo franco-romeno Matéi Visniec questiona a incomunicabilidade humana em tempos de isolamento. Até 29/4, ter e qua (20h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 — Botafogo). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

OS OLHOS DE NARA LEÃO

✦ Zezé Polessa dá vida à cantora e compositora, um dos nomes incontornáveis da MPB neste musical com direção de Migual Falabella. Até 26/4, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Clara Nunes (Rua Marquês de São Vicente, 52). Entre R\$ 60 e R\$ 160

MINHA AVÓ É MUITO LOUCA

✦ Um retrato o lugar dos idosos no mundo moderno. Até 30/4, qui (20h). Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 — Ipanema). R\$ 70 e R\$ 35 (meia). Promoção: Compre um ingresso, leve avó gratuitamente

Divulgação

Nilton Santolin/Divulgação

Divulgação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Quem andar por Buenos Aires, ao largo da Av. Corrientes, no caminho do Obelisco, vai trombar, ali pela altura do número 1280, com um fragmento afetivo da Hollywood dos anos 1970 que modificou a fachada do Teatro Lola Membrives: uma reinvenção de “Rocky, Um Lutador” para os palcos. O longa-metragem que transformou Sylvester Stallone num astro (e num ícone de superação) estreou no dia 21 de novembro de 1976. Tem muita coisa esperada para festejar seus 50 anos, incluindo um livro de memórias que Stallone escreveu (à mão) e um filme sobre seus bastidores. A direção é de Peter Farrelly (de “Green Book: O Guia”). O longa se chama “I Play Rocky” e tem Anthony Ippolito no papel de Sly (apelido do eterno Rambo). Os argentinos, contudo, saíram na frente... O “Rocky” deles está lotando toda noite. É um fenômeno teatral.

O astro é Nicolás Vázquez. Ele também assina (em duo com Mariano Demaia) a direção do espetáculo, que não segue os moldes de um recente musical da Broadway (já encenado no Brasil), primando mais pelo tônus melodramático (de pavimento marxista) do filme. A peça revive os bastidores da produção cinematográfica de 1976, orçada em US\$ 1,1 milhão, que fez de Balboa um signo de resiliência. Sua bilheteria beirou US\$ 225 milhões, ganhando cinco continuação entre 1979 e 2006, além de inspirar a franquia “Creed” (2015-2023). Em 1977, o longa conquistou os Oscars de Melhor Filme, Direção (John G. Avildsen) e Montagem (Richard Halsey e Scott Conrad).

Debruçado hoje sobre a série “Tulsa King” (da Paramount +), Stallone arrumou uma antipatia pesada na ala do Partido Democrata dos EUA – e de demais grupos de esquerda – ao anunciar apoio ao presidente Donald Trump, em 2025, comparando-o a Jesus Cristo. O gesto surpreendeu (e desapontou) seus fãs, dada a histórica postura de neutralidade do astro de 79 anos, que sempre evitou alinhamentos com líderes políticos. Foi explicitamente cobçado por Ronald Regan (1911-2004) como um garoto propaganda para ideologias intervencionistas no tempo em que brilhava com “Rambo II – A Missão” (1985). Hoje, uma série de mudanças na dinâmica simbólica de Hollywood, supostamente impostas pela cultura woke, levaram-no a pensar e agir diferente, frente ao sucateamento do cinema de ação, do qual é um ícone.

“Eu não vejo a arte como um correio, que precisa levar mensa-



A saga do resiliente Rocky Balboa (Nicolás Vázquez) é levada aos palcos portenhas e vem lotando cada noite de encenação no Teatro Lola Membrives

O gongo ainda não soou, já o terceiro sinal...

Às vésperas da celebração de seus 50 anos, ‘Rocky, Um Lutador’ vira espetáculo teatral em Buenos Aires, com Nicolás Vázquez, e inspira livro de Sylvester Stallone, além de novo filme

gens explícitas às pessoas. O que os filmes provocam de encanto vem da transcendência”, reclamou o astro num Zoom com a Golden Globe Foudation, em outubro, ao finalizar o livro sobre o “Rocky” que está para sair.

Apesar do arranhão causado pela sanha trumpista de Stallone, Rocky Balboa segue intacto e amado, num culto que agora se expande pelas artes cênicas da Argentina, numa tradução feita por Fernando Mallorens e Federico González del Pino da versão tea-

tral escrita por Thomas Meehan com Stallone, em 2012. A música é de Stephen Flaherty, com letra de Lynn Ahrens, na garantia de que “Eye of the Tiger” (o hit executado no terceiro longa, lançado em 1983) seria preservado.

Em cena, uma estrela das ribaltas portenhas, Dai Fernández, vive Adrian, a paixão do pugilista, celebrizada na telona por Talia Shire (irmã de Francis Ford Coppola). Leo Trento vive o irmão grosseirão da moça, Paulie. David Masajnik encarna Mickey, treina-

dor e figura paterna de Rocky. Já o papel de Apollo Creed foi confiado a Merlyn Nouel.

Quando vendeu seu roteiro (escrito em três dias e meio, como ressaca pós uma luta de Muhammad Ali) para a United Artists, Stallone sonhava protagonizá-lo, mas ouviu nomes mais famosos do que ele serem citados como potenciais escolhas para interpretar o Garanhão Italiano. Os mais cotados eram Robert Redford, Ryan O’Neal, Burt Reynolds e James Caan. Mas Stallone bateu o pé: só venderia o script se o papel central fosse seu. E Irwin Winkler e Robert Chartoff bancaram a escolha, levantando o filme com orçamento de US\$ 1 milhão. Pensaram em Carrie Snodgrass e Susan Sarandon para viverem Adrian, mas quem levou a personagem foi Talia Rose Coppola Shire. Para o lugar de Apollo, o Doutrinador, pensou-se no boxeador Ken Norton, mas quem ganhou o short com as cores e

listas da bandeira dos EUA foi Carl Weathers, morto em 2024. “Quando Carl entrou na sala, em que fazíamos o casting, ele encheu cada milímetro com seu carisma, era uma estrela nata”, disse Stallone, em seu Instagram.

Na direção, John G. Avildsen inovou a engenharia de filmagem hollywoodiana da década de 1970 ao deixar uma câmera móvel nas filmagens das lutas. “Na vida, você nunca pode baixar a guarda e deixar de socar os desafios”, disse Stallone no Festival de Cannes em 2019, ao receber da Croisette uma homenagem por suas cinco décadas de carreira.

Parte da história de Balboa foi narrada pelo documentário “40 Years of Rocky: The Birth of a Legend” (2020), do cineasta Derek Wayne Johnson. Ele tratou do tema também no seminal “John G. Avildsen: King of the Underdogs” (2017), com depoimentos de Seu Sylvester.

“O primeiro Rocky traz uma das cenas mais emblemáticas de redenção de toda a História do Cinema: no round 14, quando Balboa cai, todo mundo diz para ele continuar no chão e desistir, mas ele fica de pé, mesmo cambaleante, sem desistir, afoito por mais uma chance de lutar”, lembrou Johnson em entrevista ao Correio concedida na finalização de seu longa anterior, “Stallone: Frank, That Is”, sobre o irmão mais moço de Sylvester. “Minha vida não teria sido a mesma sem essa cena de Rocky”.

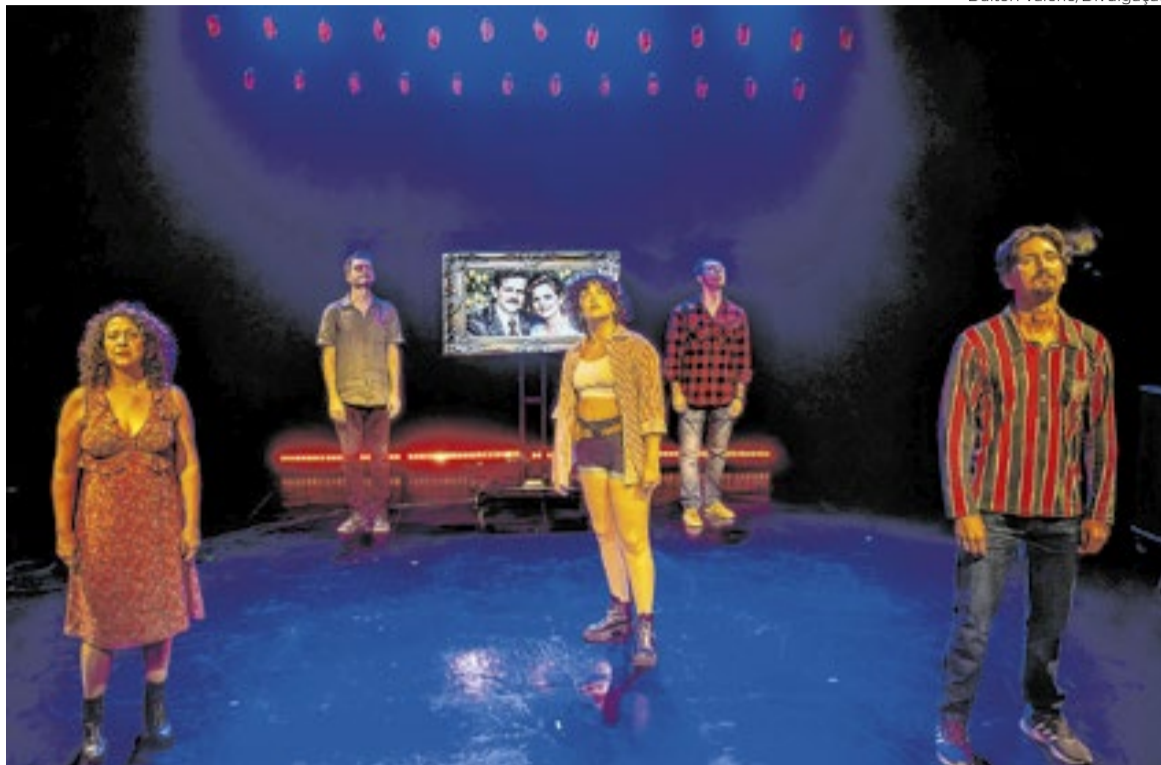
Mítica, a escadaria do Museu de Arte da Filadélfia, revisitada por Johnson em seu .doc), comove Buenos Aires na reinvenção de Nicolás Vázquez. O público vai a nocaute.

CRÍTICA TEATRO | O EXTERMÍNIO DA CEGONHA

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

O dramaturgo propõe uma viagem realista e abre sua narrativa de forma irreverente, em que as personagens divertem-se num karaokê, onde o público é convidado a participar, estabelecendo uma conexão de pertencimento, numa ideia de que todos os acontecimentos ali revelados poderiam ser vividos por cada um de nós. Isabel passa um feriado na sua cidade natal com seu namorado, sua irmã e seu cunhado, mas a chegada de Samuel, um amigo de longa data, acarreta conflitos inesperados, pelos quais o texto de Pedro Uchoa ganha força dramática. A espinha dorsal da obra está no avanço tecnológico, em que a era digital aniquila a realidade analógica, favorecendo um embate geracional, modificando o modus operandi da sociedade atual.

Tudo parece divertido com a geração Z, que parece desconhecer o mundo off-line, enumerando terminologias: algoritmos, aplicativos, plataformas digitais, filtros, engajamento virtual, cringe e até expressões como “White people problems”, há anos na internet, e por aí vai. Ademais, o escritor surpreende-nos com uma reviravolta, amalgamando novos conceitos como responsabilidade emocional, memória, apagamento, dores silenciadas, problematizando o afeto em detrimento da velocidade contemporânea, na qual não encontramos mais tempo para relações profundas.



Dalton Valério/Divulgação

Há uma homogeneidade salutar no elenco, em que todos trafegam natural e teatralmente pela proposta cênica

Evolução tecnológica

A encenação, do próprio autor, valoriza e enriquece toda sua escrita, instituindo ritmo, poesia e teatralidade. A condução, a princípio, parece-nos de um naturalismo exacerbado, em que falas são

“jogadas fora” – mas todas muito bem ouvidas e compreendidas. Na medida que a história encorpa-se, o humor transmuta-se em tristeza e temos a sensação de sermos um deles, felizes e trágicos. A cena do car-

ro é bem marcada, e a ideia de que a internet mata a interação entre as pessoas é um acerto.

Há uma homogeneidade salutar no elenco, em que todos trafegam natural e teatralmente pela proposta

cênica. Higor Campagnaro destaca-se com um Samuel carismático, repleto de nuances, desde sua aparição, em presença marcante. A cena da revelação feita por Isabel reverbera pigmentações variadas de seus intérpretes. Jean Marcel Gatti, Julia Limp, Nara Parolini e Pedro Uchoa elaboram com eficácia suas personagens, através das quais determinam um jogo afinado.

Carila Matzenbacher ambienta poucos elementos que conferem agilidade à montagem, com bancos, uma pequena geladeira e um televisor que auxilia a movimentação com uma projeção enquanto as personagens viajam. Além disso, a cenógrafa acerta em instalar um céu de mangas, simbolizando sinestesia, rememorando um passado analógico. O figurino de Luiza Fardin é corriqueiro, como deve ser. A iluminação de Hugo Mercier transita entre memórias e o momento tecnológico, ora criando ligeiras luminárias, ora aquecendo a caixa cênica em cores poéticas, desenhando sombras.

“O Extermínio da Cegonha” é uma criação divertida, leve e profundamente relevante.

SERVIÇO

O EXTERMÍNIO DA CEGONHA

Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro III (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)
Até 26/4, quarta-feira a sábado (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Rafa Marques/Divulgação

O império de Chatô

Em cartaz até domingo (26) no Teatro Claro Mais, o musical “Chatô e os Diários Associados, 100 Anos de Paixão” viaja entre passado e presente para contar a trajetória de Assis Chateaubriand e seu impacto na comunicação brasileira. A trama acompanha Fabiano, jornalista desempregado que, ao encontrar a estátua de Chatô em Recife, revisita momentos icônicos da mídia nacional, como a criação de O Cruzeiro e a inauguração da TV Tupi. Em paralelo, sua relação com Juliana, colega jornalista, explora conflitos pessoais e profissionais.



Ricardo Brajerterman/Divulgação

Processo de aceitação

A peça “O Filho Eterno”, baseada no premiado romance de Cristovão Tezza com adaptação teatral de Bruno Lara Resende, segue em cartaz no Teatro Laura Alvim até domingo (26), marcando 15 anos de montagem. O monólogo, com atuação de Charles Fricks, acompanha a jornada de um pai diante do nascimento de um filho com síndrome de Down, aprofundando contradições, medos e transformações que atravessam essa relação. A peça revela um processo de descoberta e aceitação entre pai e filho.



Jeydsa Felix/Divulgação

Uma história trágica

“A Mulher Estátua” chega à sua última semana no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto/Sala Preta. Com texto e direção de Thiago Picchi e atuação de Adriana Seiffert, a trama se desenrola a partir de um jogo cênico entre a protagonista e uma transeunte que se aproxima da figura imóvel na calçada. A mulher revela sua trágica história: após acidentalmente matar sua família tentando retirar uma baleia em decomposição da praia, cumpre pena e decide se tornar um monumento vivo em homenagem àqueles sem grandes feitos.



Majur evoca a ancestralidade no show 'Gira Mundo', que reúne quatro bailarinos e forte presença percussiva para mostrar canções na língua sagrada do candomblé

Antídoto contra a intolerância

Majur apresenta o álbum 'Gira Mundo' no Vivo Rio encerrando trilogia que celebra ancestralidade com 16 faixas em iorubá

AFFONSO NUNES

Majur chega ao Vivo Rio neste sábado (25) de abril, às 21h, com o espetáculo "Gira Mundo", fechando um ciclo de três anos que redefiniu sua posição na cena musical brasileiro. O álbum, lançado em maio de 2025, é composto por 16 faixas cantadas majoritariamente em iorubá, a língua sagrada do candomblé. A artista trans baiana descreve o projeto como "um ato de desmitificação da cultura afro-brasileira através da arte".

Majur pavimentou sua carreira a partir de enfrentamentos sucessivos. Começou aos cinco anos em um projeto social em Salvador, participando do coral da Orquestra Sinfônica da Juventude. Antes de se consolidar como cantora, trabalhou

como atendente de telemarketing durante o dia, assumindo sua verdadeira identidade à noite em bares de Salvador. O reconhecimento veio em 2019, quando participou da faixa "AmarElo" com Emicida e Pablo Vittar, após apresentar-se em uma festa de Caetano Veloso no início daquele ano. Desde então, trafegou pelo pop urbano, incorporando sonoridades mais sofisticadas, e sempre mantendo sua postura de resistência como mulher negra trans num mercado geralmente hostil à diversidade.

"Gira Mundo" representa o terceiro ato dessa trajetória, após os elogiados "Ojunifé" (2021) e "Arisca" (2023). Em entrevistas, Majur conta que o álbum nasceu de uma reflexão profunda sobre a diáspora africana no Brasil. "Voltar aos navios negreiros é resgatar a cultura africana no Brasil colonial. É entender com profundidade essa diáspora tão presente e, ao mesmo tempo, tão

“*Voltar aos navios negreiros é resgatar a cultura africana no Brasil colonial. É entender com profundidade essa diáspora tão presente e, ao mesmo tempo, tão silenciada”***”**

MAJUR

silenciada”, declarou em entrevista à Novabril FM.

Para a cantora, o candomblé surgiu como ato de resistência em um país que não aceitava outras culturas e crenças, e seu novo trabalho busca retornar esse contexto histórico. “O álbum confronta a intolerância religiosa e o racismo no Brasil, mas é, sobretudo, um gesto de reconhecimento das origens e um chamado para a reconciliação da cultura brasileira com suas raízes africanas”, destaca. “Não escolhi lutar, eu preciso lutar para existir”.

Majur revela que decidiu cantar em iorubá para demarcar espaço em um país onde a fé de matriz africana segue sob pressão. Cada canção é dedicada aos orixás, transformando o disco em um ritual sonoro. Para garantir acessibilidade, utilizou arranjos de afropop, pianos fluidos e percussões ricas, permitindo que o ouvinte sinta a intenção emocional mesmo sem compreender a língua.

O espetáculo expande a experiência do álbum através de outras linguagens artísticas. Majur revitalizou sua apresentação com a rein-

trodução do balé: quatro bailarinos interpretam o que a cantora chama de “danças silvestres”, coreografias inspiradas em fundamentos africanos que buscam expressar a força do corpo negro em movimento. As coreografias são inteiramente assinadas por mulheres.

A direção musical fica sob responsabilidade de Ícaro Sá, também produtor do álbum. A banda conta com três atabaques, percussão, teclado e dois backing vocals, uma formação que reforça a espinha rítmica e espiritual do projeto. No teclado está Ícaro Santiago, colaborador de Majur no processo de criação musical do álbum.

O show é concebido como experiência ritualística, onde luz, figurinos e energia coletiva criam um espaço de encontro entre música, dança e espiritualidade. “Existe algo maior”, repete a cantora, que destaca está ansiosa em estreitar o espetáculo no Rio. “Estava esperando por esse encontro. O Rio é uma cidade que me acolhe há muito tempo. Estou ansiosa para mostrar minha arte e muito feliz por apresentar 'Gira Mundo', após rodar diversas cidades pelo país.”

A estrutura do show faz da ancestralidade mais que um grito de lamento. É um espetáculo de celebração e resistência.

SERVICO

MAJUR - GIRA MUNDO

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) | 25/4, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 110 e R\$ 55 (meia)

Pausa autoral para cantar um ídolo

AFFONSO NUNES

Theo Bial retorna aos palcos com “Theo Canta Chico”, espetáculo que homenageia o legado de Chico Buarque através de 16 canções do compositor. O show, que estreou em 2024 durante os 80 anos de vida de Chico, ganhou vida nova após o lançamento do álbum homônimo. A ideia surgiu de forma orgânica. Theo postou nas redes sociais uma versão de “Homenagem ao Malandro” que alcançou repercussão maior que a média, gerando resposta positiva do público. A partir desse retorno, iniciou um processo de pesquisa profundo sobre o repertório de Chico. O disco tem direção artística de filhos de Martinho da Vila e chegou às plataformas digitais em junho de 2025.

“Nesse meu novo show, exploro meu lado de intérprete de algumas de suas músicas”, declarou Theo em entrevista ao lançar o projeto. O processo criativo envolveu aprender as músicas e identificar quais canções Theo se identificava mais e quais não poderiam faltar de jeito nenhum. “Inspirado pela profunda admiração e identificação do

Theo Bial abre mão de seu repertório próprio para interpretar a obra de Chico Buarque

estilo musical de Chico Buarque, decidi mergulhar na interpretação dessas obras-primas, abrindo mão, por hora, de minhas composições”, afirmou o cantor e compositor que partilha com Chico uma paixão em comum: ambos são torcedores fanáticos do Fluminense.

O resultado é um repertório que perpassa diferentes fases da carreira de Chico, incluindo sambas da lavoura buarqueana como “Quem Te Viu, Quem Te Vê” e “Essa Moça Tá Diferente”, além de outras composições que revelam a amplitude do trabalho do homenageado.

Theo já acumula mais de três milhões de plays nas plataformas de streaming e cerca de 80 mil ouvintes mensais, com quatro álbuns lançados



Theo Bial diz que a ideia do disco nasceu de uma postagem que bombou em suas redes sociais

até o momento. Em 2025, realizou oito shows no Blue Note Tokyo, no Japão, ao lado de Roberto Menescal e da cantora nipo-brasileira Lisa Ono.

SERVIÇO

THEO BIAL CANTA CHICO BUARQUE

Dolores Club (Rua do Lavradio, 10, Centro)
24/4, às 20H30 | Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Travessia entre terra e espiritualidade



Divulgação

SERVIÇO

JAZZ DAS MINAS — AYÉ ORUN

Manouche (R. Jd. Botânico, 983)
24/3, às 21h | R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Banda formada por mulheres, Jazz das Minas apresenta seu álbum ‘Ayé Orun’

O celebrado Jazz das Minas leva nesta sexta (24) ao palco do Manouche, às 21h, o espetáculo “Ayé Orun” que o grupo define como a travessia poética entre a terra (Ayé) e o mundo espiritual (Orun), conduzida pelas Grandes Mães Orisa. Formado integralmente por mulheres — no palco e na coxia — o grupo tem a direção da pianista, cantora e compositora Ifátókí Maíra Freitas, filha de Martinho da Vila. O que elas chamam de “jazz de terreiro” é um encontro de estilos, axé e reinvenção, sempre em diálogo com as ancestrais que marcaram a música preta brasileira e internacional.

O repertório do grupo mescla

composições autorais com homenagens a grandes referências como Nina Simone, Elza Soares, Dona Ivone Lara e Alcione através de releituras focadas na sabedoria e força daquelas que abriram caminhos. Os arranjos sofisticados, cheios de swing, convidam o público a dançar e se conectar com a proposta do grupo.

O show se estrutura em torno de temas que atravessam a experiência feminina em suas múltiplas dimensões. O espetáculo fala de cura e renascimento, trazendo canções sobre nascimento, maternidade, maturidade feminina, culpa, amor e afeto.

A formação do grupo reúne instrumentistas de diferentes idades, classes sociais e localidades que se encontram em cumplicidade criativa, diversidade que reflete a visão de Ifátókí Maíra Freitas de que o jazz pertence a todas as mulheres, independentemente de origem ou trajetória. (A. N.)

O Jazz das Minas define sua sonoridade como ‘jazz de terreiro’

AFFONSO NUNES

Nesta sexta-feira (24) o Acaso Cultural recebe Aline Paes e Pedro Franco em um espetáculo que revisita “Os Afro-Sambas”, álbum de 1966 que marca seis décadas de existência. A dupla toca o disco na íntegra em formato voz e violão, com novos arranjos que atualizam a sonoridade sem desprezitar o peso ancestral das canções.

Lançado em 1966, “Os Afro-Sambas” ocupa um lugar singular na história da MPB. A fusão entre a poesia de Vinicius de Moraes, a guitarra de Baden Powell e os arranjos do maestro Moacir Santos criou um disco que explora a religiosidade afro-brasileira como matéria de canção de câmara. Faixas como “Canto de Iemanjá” e “Canto de Xangô” trazem referências diretas aos orixás, elevando essas narrativas a um patamar de sofisticação harmônica que marcou presença no Brasil e no exterior.

A parceria entre Vinicius e Baden Powell foi intensa: os dois passaram quase três meses vivendo juntos em um apartamento no Rio, escrevendo sem parar. O resultado foi um trabalho que mistura samba, elementos da tradição oral africana e uma linguagem harmônica renovada — tudo isso sob a supervisão de Moacir Santos, figura central na renovação da música brasileira nos anos 1950 e 60. Santos,

Os afroclássicos da MPB

Aline Paes e Pedro Franco revisitam o repertório d’“Os Afro-Sambas”, a obra-prima de Baden Powell e Vinicius de Moraes, lançado há 60 anos



A cantora Aline Paes e o virtuoso violonista Pedro Franco se apresentam em duo desde 2019

que faria 100 anos em julho deste ano, foi responsável por sofisticar a linguagem musical do trabalho nos arranjos de cada uma das faixas.

Aline Paes é cantora e compositora carioca, vencedora do Prêmio Divas da Música Brasileira em 2010. Seu álbum de estreia “Batucada Canção” recebeu destaque da Rolling Stone Brasil como revelação. Em 2024, lançou “Corpo Mar” e realizou sua Euro Tour em 2025. Pedro Franco é multi-instrumentista natural de Porto Alegre, reconhecido como um dos músicos mais destacados de sua geração. Venceu como melhor instrumentista no Festival de Música da Rádio MEC em 2020 e lançou “Black Pantha” em 2023 pela Bisquito Fino.

O duo foi formado em 2019 e já apresentou no Circo Voador, Blue Note Rio e Blue Note Sessions. No espetáculo, revisitam o repertório com interpretações expressivas, costurando histórias e bastidores do disco. A apresentação marca também o centenário de Moacir Santos, compositor e arranjador cuja influência foi fundamental na gênese do projeto original.

SERVIÇO

ALINE PAES E PEDRO FRANCO - OS ADRO-SAMBAS - 60 ANOS

Acaso Cultural (Rua Vicente de Sousa, 16, Botafogo)
24/4, às 20h

Ingressos: R\$ 55 a R\$ 120

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

As conexões brasileiras de Chiara Civello

A cantora, compositora e pianista italiana Chiara Civello se apresenta no Blue Note Rio nesta sexta (24), com sessões às 20h e 22h30. Conhecida por suas influências de jazz, blues e música brasileira, a artista tem forte conexão com o Brasil e colaborações com Ana Carolina, Chico Buarque e Gilberto Gil. Seu trabalho combina sensibilidade melódica com arranjos sofisticados que conversam com a MPB.



Na esquina de Abbey Road com a Rua Divinópolis

Um septeto de cantores-instrumentistas apresenta-se no Teatro Rival Petrobras neste sábado (25), às 19h30 para celebrar a interseção entre os Beatles e o Clube da Esquina. O espetáculo revive a influência dos Fab Four na obra de Milton Nascimento, Lô Borges, Beto Guedes, Toninho Horta e Flávio Venturini, com mashups surpreendentes e referências históricas do período.



Fernanda Santanna relê clássicos

A cantora mineira Fernanda Santanna apresenta-se no Beco das Garrafas neste sábado (25), às 21h. O show percorre clássicos da bossa nova, samba jazz e MPB com releituras de Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Carlos Lyra, Roberto Menescal, Baden Powell, Aldir Blanc e João Bosco. A apresentação inclui homenagem a Elis Regina, interpretando clássicos que marcaram a trajetória da artista na MPB.



Uma noite com o andarilho Rafael Rio Branco

Rafael Rio Branco apresenta a estreia da nova formação de sua banda na Audio Rebel em 24 de abril às 20h, marcando também seu aniversário no palco. O show celebra o lançamento da música inédita “Sacanagem” e aprofunda o conceito de “O Andarilho”, persona artística que permeia sua obra e fala de busca, deslocamento e transformação. A nova faixa mantém a poesia sarcástica e sonoridade visceral do projeto.



Superlativamente Yoshitaka Amano

CCBB traz ao Brasil a maior exposição individual deste mestre japonês dos mangás

AFFONSO NUNES

A maior exposição da carreira de Yoshitaka Amano chega ao Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro com 218 obras originais que cobrem cinco décadas de trabalho. A mostra “Yoshitaka Amano – Além da Fantasia” ocupa todas as salas do segundo andar do CCBB e inclui um espaço imersivo desenvolvido em parceria com a Aya Studio, no qual 13 obras da série Devaloka ganham vida através de tecnologia.

Nascido em 1952 na província de Shizuoka, aos pés do Monte Fuji, Amano começou sua carreira aos 15 anos na Tatsunoko Production, estúdio responsável por marcos da animação japonesa como Speed Racer e Gatchaman. Seu pai, artesão especializado em técnicas tradicionais de laca em madeira, influenciou a paleta de cores intensas que marca sua obra. Desde a infância, copiava criações de Osamu Tezuka, pioneiro do mangá moderno.

A exposição divide-se em sete núcleos temáticos. O núcleo Tatsunoko reúne trabalhos do início da carreira, incluindo células de animação — folhas transparentes de acetato usadas na animação tradicional. Angel's Egg apresenta obras de 1985 que originaram o filme homônimo de 1985, realizado em parceria com Mamoru Oshii, quase sem diálogos e descrito como meditação sobre fé e solidão. Candy Girl mostra pinturas feitas com tinta automotiva sobre alumínio desde os anos 2000, misturando fantasia, pop art e surrealismo com cores vibrantes.

Devaloka, palavra sânscrita para “mundo dos deuses”, reúne obras em grandes dimensões e uma pintura tridimensional sobre biombo japonês. Cores incandescentes, figuras aladas e templos imaginários compõem um cosmos pessoal onde o tempo se dissolve entre o físico e o espiritual. O maior núcleo, Final Fantasy, cobre os 16 jogos da franquia desde 1987, quando Amano se tornou arquiteto visual da série que revolucionou os videogames. Suas linhas fluidas e cores vibrantes criaram uma mitologia contemporânea que elevou o jogo ao status de obra de arte.

Vampire Hunter D apresenta artes originais do anime, incluindo cinco obras nunca expostas. Neste universo gótico em parceria com o escritor Hideyuki Kikuchi, Amano



Divulgação

Yoshitaka Amano começou a carreira no lendário Tatsunoko Studio, berço do ‘Speed Racer’ e ‘Gatchaman’



A sala imersiva ‘Candy Girl’

captura a elegância melancólica do protagonista vampiro através de sombras densas e detalhes barrocos. O núcleo Colocações reúne trabalhos para Sandman de Neil Gaiman, DC Comics, Magic: The Gathering, Vogue Itália e outras parcerias internacionais.

A obra de Amano une mitologia, fantasia e surrealismo em estética que combina tradição japonesa com art nouveau, surrealismo e pop art. Sua versatilidade abrange desde as atmosferas góticas de Vampire Hunter D até a leveza estilizada de Candy Girl, passando por reinterpretações de ícones como Batman e Superman. Cada linha, cor e movimento carregam uma poética própria.

A exposição chega ao CCBB Rio após alcançar 118 mil visitantes em Belo Horizonte. Segue para o CCBB Brasília após a temporada carioca, que vai até 22 de junho de 2026.



Detalhe de ‘Japan’ (1994)

SERVIÇO
YOSHITAKA AMANO - ALÉM DA FANTASIA
CCBB RJ
(Rua Primeiro de Março, 66, Centro) | Até 22/6, quarta a segunda (9h às 20h) | Entrada franca



‘Melancholy’ (1983)

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Sua excelência, a picanha

Do churrasco de fim de semana aos melhores restaurantes, o corte traduz sabor e tradição e seduz o paladar carioca

O bjeito de cobiça que se faz presente até em campanhas eleitorais, a picanha conquistou um lugar especial na cultura gastronômica carioca, tornando-se um verdadeiro ícone à mesa. Ainda que sua origem esteja ligada ao sul do Brasil, foi no espírito descontraído do Rio que o corte ganhou status de protagonista, seja nas tradicionais churrascarias, nos bares ou nos encontros de domingo entre amigos. Com sua camada de gordura característica, que garante suculência e sabor marcante, a picanha é preparada de forma simples, geralmente apenas com sal grosso, valorizando a qualidade da carne. Servida fatiada, muitas vezes acompanhada de farofa, arroz, vinagrete e uma cerveja gelada, é prato e ritual de convivência. Confira abaixo o roteiro que o Correio da Manhã preparou para você:



Vantuil Costa/Divulgação

Bar do Adão



Divulgação

Brewteco



Vantuil Costa/Divulgação

Churrascaria Palace



Divulgação

Giuseppe Grill



Divulgação

Pobre Juan



Vantuil Costa/Divulgação

Churrascaria Palace

BAR DO ADÃO – No tradicional bar carioca a Picanha à Campanha (R\$ 235) é servida grelhada e acompanhada de arroz branco, farofa de ovos, molho à campanha e fritas. Praia do Flamengo, 180 - Loja B – Flamengo. Tel: (21) 97741-5838.

BREWTECO ROSAS – No bar na Barra, a picanha chega acompanhada de arroz de brócolis, farofa de ovo, batata portuguesa, molho vinagrete e chimichurri (R\$ 215 - 3 pessoas R\$ 409 – 5 pessoas). Av. Mare-

chal Henrique Lott, 120 - Loja 101 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 97251-4483.

CHURRASCARIA PALACE - O cardápio de cortes da churrascaria, em Copacabana, oferece três tipos de picanha: tradicional, borboleta (criação da casa) e de pato. Todas as opções estão inclusas no rodízio da casa (R\$ 268). Rua Rodolfo Dantas, 16 – Copacabana. Tel: (21) 2541-5898.

ESPETTO CARIOCA - Um dos cortes

mais apreciados pelos brasileiros, a picanha ganha protagonismo no bar. Boa para compartilhar, ela é servida no estilo da casa, e chega à mesa em um espeto. Para acompanhar, batata palito, farofa panko e molhos especiais (R\$ 159). Av. Olegário Maciel, 135. Barra da Tijuca. Tel: (21) 99901-0104.

GIUSEPPE GRILL - Para quem não dispensa os clássicos, vale a pedida da famosa Picanha Supra Sumo (R\$ 186), corte exclusivo da casa, que é retirado apenas a parte mais

nobre e marmorizada da picanha, garantindo maciez extra. Cada boi possui apenas uma picanha supra sumo. Av. Bartolomeu Mitre, 370 – Leblon. Tel: (21) 99591-5277.

POBRE JUAN – Na casa de carnes, que abriu nova unidade em Ipanema, é possível encontrar no cardápio o corte individual de picanha (R\$ 216) e para compartilhar (R\$ 394) com dois acompanhamentos à escolha do cliente. Rua Visconde de Pirajá, 616. Tel: (21) 3030-8555.